



## PARA ALÉM DO HUMOR: QUADRINHOS E HISTÓRIA CULTURAL DO HUMOR COMO OBJETO DE PESQUISA

*Beyond humor: comics and humor cultural history as research object*

*Más allá del humor: el cómic y la historia cultural del humor como objeto de investigación*

Douglas Biagio Puglia<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar as primeiras discussões e debates na pesquisa que ora se desenvolve com o nome de Para além do humor: quadrinhos e História cultural do humor como objeto de pesquisa. A proposta é estudar três produções do humor gráfico brasileiro, a saber: O Pasquim (vários autores), Chiclete com Banana (Angeli) e Os Malvados (André Dahmer).

**Palavras-chave:** Humor. História em Quadrinhos. O Pasquim. Chiclete com Banana. Os Malvados.

**Abstract:** The actual article has for the mainly objective show the initial results of the research *Beyond humor: comics and humor cultural history as research object*. Our proposal is to study three productions of the Brazilian graphic humor, they are: O Pasquim (several authors), Chiclete com Banana (Angeli) and Os Malvados (André Dahmer).

**Keywords:** Humor. Comics. O Pasquim. Chiclete com Banana. Os Malvados.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo presentar las primeras discusiones y debates en la investigación que tiene el nombre de Más allá del humor: el cómic y la historia cultural del humor como objeto de investigación. La propuesta es estudiar tres producciones de humor gráfico brasileño, ellas son: O Pasquim (varios autores), Chiclete com Banana (Angeli) y Os Malvados (André Dahmer).

**Palabras clave:** Humor. Historietas. O Pasquim. Chiclete com Banana. Os Malvados.

### Introdução

O riso é uma expressão natural do ser humano, não há um registro efetivo, por motivos óbvios, da primeira risada ou de algo que foi considerado engraçado pela primeira

---

<sup>1</sup> Doutor em História e Cultura política pela Universidade Estadual paulista “Júlio Mesquita Filho”. Atua como professor do Ensino Básico técnico e Tecnológico Do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, São João Evangelista, Minas Gerais, Brasil. E-mail: douglas.puglia@ifmg.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8784998835594270>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-9591-917X>.

vez na história. De tão natural que por muito tempo sequer percebemos que aquilo que nos faz rir pode ser utilizado como uma fonte histórica e pensado enquanto um objeto de pesquisa esclarecedor, tornando-se bastante importante para que possamos melhor entender nossa sociedade e descortinar determinados traços culturais que nos possibilitem aprofundar sobre cotidianos, práticas e outras nuances de determinados locais e momentos históricos.

A pesquisa que ora se apresenta faz parte dos esforços para desenvolvimento de estágio pós doutoral que teve início neste ano de 2023, assim, encontra-se ainda em estágio inicial, o que faz com que a presente apresentação se torne um espaço muito mais para que se possa mostrar os rumos, propostas e debates propostos, como também o avanço até aqui, do que efetivamente as conclusões e resultados de um trabalho já pronto.

Dito isso, a pesquisa se assenta em duas bases fundamentais, a primeira em relação a uma temática maior, que seria dentro do campo da História cultural do humor, e a outra diz respeito as fontes de pesquisa usadas, que seriam histórias em quadrinhos (HQs) como única fonte de pesquisa. Assim, a pesquisa se aprofundaria em três momentos distintos da História política contemporânea brasileira e a forma como a produção de quadrinhos de humor em cada um desses períodos é representativo, não só do aspecto político, mas também cultural da sociedade brasileira. Assim, nossas fontes são os primeiros números do diário *O Pasquim*, publicação que se inicia no final da década de 1960 e chega até a década de 1980, que demonstraria a maneira que se fez humor em tempos de ditadura e de repressão política; o segundo seria com *Angeli* e o periódico *Chiclete com Banana*, já abarcando o período de abertura política e mostrando um humor mais livre, sem as amarras da censura ou mesmo o medo de retaliações políticas e judiciais; e por último, *André Dahmer* com *Os Malvados*, conjunto de tirinhas publicadas originalmente em meio digital, datando do início da primeira década do século XXI, que já traz um humor mais ácido, simbólico do século XXI, com uma leitura menos esperançosa da sociedade atual.

O objetivo da pesquisa vai além de uma perspectiva comparada entre os três períodos e suas respectivas fontes, mas o mais importante é entender as imanências, aquilo que permanece no humor desses autores e suas criações, como se houvesse algum ponto em comum entre os autores e até mesmo de um humor gráfico brasileiro. Buscar essas características e possibilidades se trata, então, do ponto de maior interesse que a pesquisa possa mostrar. Ainda como um objetivo secundário, porém com denotada importância, principiar um exercício de memória de muitos desses autores. Histórias em quadrinhos,

tirinhas e charges não gozam de prestígio artístico, assim, muitos artistas dignos de nota como Henfil, Ziraldo, Jaguar, Angeli, Laerte, André Dahmer e outros podem passar despercebidos das grandes massas e até mesmo por um público mais específico. Logo, manter vivo as características do traço e do humor desses artistas contribui para se manter uma memória desses autores que tiveram papel importante dentro de contextos políticos específicos e também na arte em si.

Assim, o trabalho se assenta na maneira como as três fontes se apresentam como chaves de leitura do passado e os seus autores como reais interpretes do contexto histórico em que pertenciam, mesmo que não se colocassem desta forma. Através da arte específica de cada produção percebe-se a construção de uma narrativa humorística, que além de proporcionar o riso, também adentra como uma compreensão social dos períodos de produção dos mesmos. Assim, o humor do Pasquim reflete a aflição, irreverência e até mesmo a capacidade de resistir com o uso do humor a um período de ditadura e repressão política, inclusive ajudando a pensar como se pode proporcionar o cômico mesmo em situações de tensão e tristeza. Angeli, através da revista *Chiclete com Banana* ajuda a refletirmos sobre dois processos distintos, porém complementares, em que há a liberdade de expressão, mas há também um certo niilismo em que os seus tipos urbanos refletem grupos sociais que muitas das vezes são muito mais a desconstrução do que a proposição. E André Dahmer com *Os Malvados*, que explora uma tentativa de descortinar o real, como em uma ação para rasgar o véu ideológico dos tempos contemporâneos e desnudando as relações sociais, econômicas e culturais e mostrando uma realidade dura e cruel, porém, curiosamente construída de uma maneira engraçada, o riso que constrange, muitas das vezes. O trabalho irá analisar essas vertentes, o diálogo e influência entre elas e como podem ser interpretadas a luz do humor e de suas leituras sociais.

Portanto, o artigo irá discutir os primeiros passos na execução desses objetivos como também mostrar as primeiras discussões sobre o tema, de forma a se pensar o humor gráfico brasileiro na segunda metade do século XX e início do século XXI.

### **Humor é coisa séria: o fazer rir como uma chave para a interpretação do passado.**

O primeiro e grande desafio do presente trabalho é tratar com uma temática, a história cultural do humor, e as fontes, quadrinhos, ou o humor gráfico brasileiro em diferentes momentos históricos, que acabam por gerar um certo estranhamento ou mesmo preconceito.

Em relação a história cultural do humor (os quadrinhos falaremos adiante) pode-se dizer que se trata de uma área que ainda tem muito por ser explorada, mas que já começa a possuir uma série de pesquisadores comprometidos, como também publicações consistentes sobre o tema. O ineditismo da temática, portanto, ainda traz uma certa desconfiança. Há também a barreira do próprio tema que auxilia em um distanciamento: estudar aquilo que nos faz rir? O que o riso e as formas de humor podem contribuir para pensarmos nossa sociedade, seus traços, preconceitos e significados? Uma visão estereotipada de que o historiador que trata do humor não pode estar falando sério, como se houvesse um paradoxo entre a temática, o humor, e a seriedade intrínseca ao mundo acadêmico e a pesquisa.

Porém, contrariando as adversidades e resistências que a área pode ter, a história cultural do humor vem contribuindo cada vez mais para um aprofundamento em conhecermos características de diferentes sociedades. E isso se dá ao entendermos não apenas do que se ria, mas também das formas de se fazer humor. O humor poderia vir através das tradicionais anedotas, teatros e encenações específicas, impressos com o chamado humor gráfico, filmes, manifestações e festas populares, enfim, há uma enormidade de possibilidades de se enxergar o humor, sua importância e formas de manifestação e isso diz muito sobre a composição cultural, social e política do momento e local que se está pesquisando. Como atesta Bremmer e Roodenburg (2000, p. 11):

O humor tem sido pesquisado desde a Antiguidade e a partir de diferentes pontos de vista. Entretanto, a maioria dos historiadores evita o tema. Tradicionalmente, a pesquisa histórica sobre o humor foi escrita por historiadores literários e etnólogos, que costumam se concentrar nos problemas relacionados com o gênero, a tradição literária, ou nas questões de tipo e motivo. Foi apenas recentemente que esses historiadores, considerando o humor como uma chave para compreender os códigos culturais e as percepções do passado, passaram também a se interessar pelo tema.

Desta feita, o humor se trata de um importante objeto de estudo para a melhor compreensão de traços culturais e de outras particularidades sociais, inclusive a política. Neste sentido, faz-se necessário compreender e até mesmo pensar em categorias analíticas para esse humor. E, importante lembrar, que o estudo do humor não se restringe ao que o pesquisador considera engraçado, temas que são preconceituosos ou impróprios para os olhares contemporâneos já foram considerados dotados de humor. Aliás, há até mesmo

pesquisas na área do humor bastante complexas e reveladoras neste sentido, como o humor na Alemanha Nazista (HERZOG, 2012).

Neste sentido, muitas abordagens poderiam ser elencadas para a compreensão do humor, porém, destacaremos algumas possibilidades, para iniciarmos uma breve discussão. Um primeiro ponto que podemos abordar sobre o humor é a sua capacidade de gerar certo alívio ou mesmo relaxamento frente as exigências sociais de seriedade e obediência as amarras do real: “a construção da realidade social é um negócio cansativo que exige esforço prolongado, e o humor nos permite relaxar nossos músculos mentais” (EAGLETON, 2020, p 23). A teoria do alívio, portanto, busca compreender o humor como uma forma de quebrar as exigências e extrema seriedade de nosso cotidiano. Devemos ser sérios e atentos em nosso trabalho, há claras expectativas em relação as questões familiares e as consequentes obrigações, muitas das vezes até mesmo nossos amigos tem uma certa expectativa em relação ao nosso posicionamento frente a determinados temas, em outras palavras, há vários papéis sociais, com suas regras e determinações, e espera-se que sejam cumpridas suas exigências. O humor enquanto alívio zomba dessas regras e faz aliviar a tensão do dia a dia em relação a elas, uma forma de amolecer e tornar mais suportável as expectativas sociais cotidianas.

Essa modalidade de humor contribuiria para que pudéssemos entender um duplo movimento de negação e também de reafirmação das estruturas sociais. Se por uma lado, aquele que realizou o ato de humor em si, seja o formato que for, estaria “quebrando” as regras sociais ao desafiar-las ao mostrar uma postura considera ultrajante ou inadmissível, logo, rebelde, também auxiliaria na manutenção dessas mesmas estruturas sociais, já que se trataria de uma piada e, assim sendo, não deveria ser levado a sério, configurando apenas de uma brincadeira, ou seja, aquele posicionamento somente poderia ser aceito em um terreno da ficção e do jocoso, jamais enquanto uma postura real. O aspecto do alívio, então, pode representar uma forma de se questionar, mas também de reafirmar, liberando o riso para aquilo que não deveria ser um posicionamento social aceitável, demonstrando ao mesmo tempo as amarras sociais que dever-se-ia manter. A questão do que se deve rir e de um eventual posicionamento moral já flerta com nossa próxima categoria de análise que é o humor de superioridade.

O humor de superioridade poderia ser classificado como aquele que ri do outro e não com o outro, vem da ideia de que se pode fazer humor com base na humilhação social, apontamento de características físicas e, portanto, da criação de um modelo físico, moral e

social que deveria ser imposto. Nesse sentido, o humorista ou a peça de humor se colocaria como em um ponto acima, capaz de desdenhar e de apontar o dedo para certos grupos sociais. Esse tipo de humor, então, a despeito de sua total incapacidade de se colocar no lugar do outro ou de pensar em consequências de suas piadas tem como essência rebaixar alguém ou alguma situação em específico, colocando a si mesmo ou ao seu grupo em um patamar de superioridade.

Esse modelo de humor, que em um primeiro momento pode ser visto apenas como um tipo de escárnio de mau gosto, também deve ser analisado como uma maneira de imposição, em que pessoas ou grupos sociais se utilizam do humor para a manutenção de privilégios sociais ou de algum tipo de distinção. Neste ponto que piadas machistas, ao rebaixar as mulheres, ressaltariam o lugar social de pretensa superioridade dos homens ou mesmo o chamado “racismo recreativo”, que sob a máscara do humor perpetuaria as práticas racistas na sociedade. Logo, o humor de superioridade não se trata de um modelo de humor questionável ou mesmo execrável, mas também uma maneira de utilizar o pretexto de que se trataria apenas de uma piada, ou então o jargão “é uma simples brincadeira” para justificar práticas e permanências discriminatórias.

Outra forma de se pensar o humor seria a sua perspectiva da incongruidade, ou seja, quando o humor lida com a repentina quebra de expectativas e há um rompimento total ou parcial com leis gerais ou algum tipo de raciocínio lógico que deveria reger uma determinada situação. O impacto do inesperado acabaria por gerar um momento engraçado ou de humor. Neste ponto, é interessante pensarmos o humor como um processo de ruptura ou de quebra, o que pode leva a se pensar que, pela falta de uma resposta óbvia a uma determinada situação, a reação que se estabelece é a do riso. Enfim, frente ao inesperado, ao *non sense*, o rir se apresentasse como uma saída ou mesmo a única frente a ausência de qualquer outra.

De certa forma, a teoria da incongruência flerta com a do alívio, já que ambas tratam de quebra de expectativa em relação a realidade, porém, a primeira (incongruência) vai um pouco além e não trata apenas de proporcionar um certo descanso das amarras do cotidiano, mas de vislumbrar quebras maiores em relação a expectativas gerais.

As teorias apresentadas acima podem demonstrar a sensação de análises sobre o humor que permeiam vários momentos históricos, entretanto a verdade é que o humor pode e deve ser analisado de acordo com o período histórico em que está sendo pesquisado, como se ri e do que se ri se altera de acordo com o local e o momento histórico. No período medieval,



Bakhtin destaca como os poderes instituídos e as regras sociais e de etiqueta extirparam o humor ou o viam como um potencial desagregador, logo que deveria ser evitado. Para tanto que singulariza o carnaval como um grande ato de humor, manifestação popular e até mesmo de questionamento da ordem, mostrando que a festa popular era também uma enorme forma de inversão social e de possível ameaça aos poderes ora estruturados (BAKHTIN, 1987). É claro, que isso se perpetuaria por vários outros momentos históricos e autores, como o Elias Saliba que discute em seus textos sobre o humor no período republicano brasileiro e como isso poderia ser visto como um traço fundamental daquele momento como também de nossa cultura nacional como um todo (SALIBA, 2021). Na verdade, seriam muitos os exemplos e possibilidades de análise, aqui cabe apenas uma breve amostragem da amplitude de abordagens para que possamos compreender o poder do humor como chave de compreensão do passado.

E não se trata apenas do humor em determinados períodos históricos, mas também outras abordagens como o humor e sua ligação com classes sociais, já que as classes populares teriam no humor uma arma de contestação, alívio ou de escape para as dificuldades e desigualdades sociais encontradas em seu cotidiano. Também se pode citar o humor ligado a questão do gênero, como a mulher, vítima do machismo do humor, hoje se coloca como protagonista na produção do humor (e toda uma gama de outras possíveis abordagens neste ínterim).

E não podemos deixar de citar o humor como um instrumento político, de questionamento. O humor pode ser entendido como a quebra de padrões, um certo tipo de desrespeito ou de “não se levar a sério”, bem, quando posto em relação ao embate aos poderes políticos significa questioná-los, talvez não de maneira direta, mas propõe a quebra de uma certa aura de inviolabilidade e de seriedade. Rir do rei, presidente, primeiro ministro, ditadores e tiranos em geral é demonstrar que não são tão infalíveis assim, que seu poder falho e que sua figura, ainda que poderosa e influente, é risível. Isso pode demonstrar certas fraquezas e apontar para mudanças ou transformações. E esse questionamento não seria apenas para pessoas, mas para governos ou sistemas políticos econômicos como um todo. O riso, entre outras coisas, é sinônimo de subversão.

Ainda sobre o debate do humor e o local de sua produção, uma pergunta complexa de ser respondida, que aqui pensamos apenas como uma provocação, existiria um humor de um lugar, ou melhor, haveria um humor brasileiro? Autores como Saliba já atentaram para essa

questão e pontuaram sobre eventuais respostas, em nosso caso, é possível fazer humor em um país que não se levaria a sério? Ou tudo teria um potencial de humor a ponto de sermos um local da piada pronta? Mas a questão que ora se propõe é que o Humor no Brasil está intrinsecamente ligada com o questionamento dos pilares civilizatórios de nossa sociedade. Aqui, rir, muito mais do que um ato de alívio do dia-a-dia, trata-se de uma forma de significar nosso estranho e complexo referencial cultural. Um misto de explicação da realidade com crítica e resistência:

Uma das maneiras de representação desses impasses e dessas temporalidades diversas da história brasileira, no período inaugurado pela Abolição e pela República, foram os registros cômicos; eles constituíram, talvez, não apenas mais uma das formas de representar a República, mas uma forma privilegiada para representar as condições de possibilidade das vivências e das sociabilidades cotidianas no país. Uma das formas de *representação cultural*, porquanto impalpável, da própria sociedade e dos seus modos de vida; *uma das formas* e não a única, já que outras formas de representação da sociedade e da vida privada, pela via do informal, do não explícito, foram possíveis. O cômico correspondia à busca de uma singular e peculiar forma de representação, pois como representar e simbolizar a vida privada e individual no interior daquela indefinida *comunidade imaginada* chamada Brasil? Jogo de contrastes, deslocamento dos significados, ligação entre o formal e o informal, trânsito entre o prescrito e o vivido, inversão da dimensão espaçotemporal — haveria algo de mais apropriado do que essas formas de representação, típicas do cômico, para retratar a vida privada brasileira na República? (SALIBA, 2021, p. 263)

Desta feita, quando pensamos em nossas fontes e a ideia de um humor brasileiro que busca significar um processo civilizatório que é estranho e distante de grupos sociais e políticos que não pertencem a essa esfera mais abastada, entendemos melhor os personagens de Angeli, que não se encaixam em métricas culturais ou imposições externas. Os Malvados, de André Dahmer, são a desconstrução de processos sociais tidos como ideais ou aceitáveis, como desnudar os processos tidos como ideais. O Pasquim, por sua vez, se enquadraria em uma visão mais obscura do humor, pois poderíamos classificá-lo como um modelo de exorcismo do medo, ou seja, ao gerar o riso, denuncia, se própria da situação ao mesmo tempo que busca suportá-la. O medo é o gerador do riso e a forma de se manter são. Assim, o humor no Brasil, e as Hqs que nos servem de fonte nos ajudam a perceber, pode ser compreendido como a ressignificação dos processos culturais e civilizatórios, seja para trazê-los para as classes sociais excluídas ou até mesmo para resistir e suportar situações por demais agressivas.



A discussão, portanto, sobre as possibilidades de se pensar o humor enquanto uma área de pesquisa séria (com o perdão do trocadilho) já não se trata de dúvida ou mesmo desconfiança. O exposto até aqui, que ainda é bastante incipiente em relação a produção acadêmica que vem sendo desenvolvida, tanto em relação a aspectos teóricos quanto em estudos de caso demonstra que se trata de uma área em franco crescimento e com grandes potencialidades analíticas. O desvendar dos motivos do humor em sociedades e períodos históricos é importante chave para se entender a cultura e aspectos sociais históricos.

### **História em quadrinhos enquanto fontes históricas: a busca pelo seu devido espaço.**

As Histórias em quadrinhos (HQs) é algo tão comum e tradicional em nossa cultura que muitas das vezes perdemos a real noção de suas capacidades enquanto registro histórico, ou seja, o quanto elas podem auxiliar a compreender determinados períodos e fenômenos históricos e também as suas qualidades como uma expressão artística. Classificada como a nona arte, as HQs vem sofrendo um grande desprestígio e dificuldade de serem consideradas como algo sério, uma real produção artística que demanda profundidade e conhecimento para a sua produção e também análise. Claro que esse quadro vem mudando e já há grupos de pesquisadores e acadêmicos que acabam por trabalhar no sentido de alterar esse tipo de percepção, demonstrando que há muito o que ser descortinado em relação as HQs, apontando para o fato de que não se trata de um estilo de arte e produção pueril. Da mesma forma, também se deve citar o amadurecimento da própria indústria dos quadrinhos e a crescente e constante abertura para a elaboração de projetos com valor artístico mais ricos e ousados. Porém, quais os motivos que levam a se pensar os quadrinhos como algo menor ou sem a devida importância?

No último mês de abril do corrente ano de 2023 foi criada uma polêmica em relação a candidatura de Maurício de Souza, criador dos famosos quadrinhos da Turma da Mônica, a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras. O jornalista James Kamel, em entrevista a revista *Veja* (2023) anunciou oposição a essa candidatura sob o argumento de que quadrinhos não são literatura<sup>2</sup>. Essa afirmação nos ajuda a compreender parte dos motivos para a depreciação dos quadrinhos, não pela afirmação em si, mas pelas discussões que ela pode suscitar.

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/gibi-nao-e-literatura-diz-james-akel-que-disputa-vaga-na-abl/>

Em primeiro lugar, a própria compreensão do que se trata os quadrinhos, que por mais que o formato seja amplamente conhecido pela maioria das pessoas, a sua definição efetiva ainda é um campo em disputa e há vários acadêmicos que buscam essa resposta. Em outras palavras, há um problema conceitual. Aqui, então, é interessante determinarmos o que é próprio da linguagem em quadrinhos, já destacando que estamos pensando as HQs como algo específico, por mais que possa ter ligações ou semelhanças com outras formas de arte. Os quadrinhos são uma arte colaborativa em essência, o que significa afirmar que para a construção do sentido é necessário a participação do leitor de forma mais ativa do que em outras mídias. Barbara Postema (2018, p 21) nos auxilia neste sentido:

Desse modo, um bom jeito para começar é encontrar um aspecto dos quadrinhos que o separe de outras formas de comunicação e, mais especificamente, de outras formas narrativas. Este estudo aborda os quadrinhos como uma forma de narrativa baseada na coesão, orientando imagens isoladas em um “processo de transformação”. Esse processo constitui a narrativa, ainda que minimamente, como a função básica da forma dos quadrinhos. Mesmo os quadrinhos não narrativos, na medida em que os quadrinhos o podem ser, adquirem esse efeito por sugeri-lo em uma progressão e exigem do leitor a criação de um sentido a partir das sequências que se aproxima da narrativa.

Assim, o leitor tem a função de completar as informações que lhes são apresentadas em um determinado quadrinho, ele passa a interagir diretamente com a obra, pois há lacunas, espaços e locais na organização do *layout* da página e da HQ como um todo que precisam de significados que são dotados pelo leitor: “os quadrinhos criam o “inteiro” a partir de “buracos” (POSTEMA, 2018, p. 24). E não apenas nas ausências, mas o leitor é também fundamental em unir todos os quadros e dar-lhes um sentido, como uma montagem. Desta feita, podemos caracterizar as HQs como um tipo de arte colaborativa entre o autor e o leitor.

Em segundo lugar, as HQs também podem ser definidas como um tipo de narrativa de predominância visual, por mais que os balões e recordatórios<sup>3</sup> tenham sua importância para os quadrinhos, as imagens acabam por ter um destaque natural na narrativa, entretanto, lembrando que a não há uma separação entre a arte os signos escritos, as HQs são compostas justamente da junção destes dois elementos. Na prática, pensar as HQs é entender que há uma grande solidariedade em seus elementos e que desta composição solidária e dos sentidos

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que há toda uma produção de HQs que são chamadas de mudas, ou seja, quadrinhos que não possuem nenhum balão, recordatório ou aspecto escrito em sua composição. Toda a condução de sua narrativa se dá através de imagens.

narrativos construídos que podemos ter uma definição, que se não final e acabada, mas que nos ajuda a compreender sobre o fenômeno que estamos tratando:

Se quisermos propor a base para uma definição razoável para a totalidade das manifestações históricas do meio, e mesmo para todas as outras produções não realizadas até agora, mas concebíveis teoricamente, faz-se necessário reconhecer como único fundamento ontológico dos quadrinhos a conexão de uma pluralidade de imagens solidárias (GROENSTEEN, 2015, p. 27).

Portanto, pelo exposto acima, podemos afirmar que quadrinhos não são literatura, trata-se de uma forma de arte ou mídia distinta e, principalmente, que não denota mérito sobre seu valor. Não ser literatura, não significa que seja pior ou melhor que a mesma, mas apenas algo diferente, o que nos leva a um segundo ponto sobre o demérito que as HQs sofrem: serem consideradas uma “arte menor”, ou até mesmo se poderiam ser consideradas como arte. A definição de arte por si só já é algo complexo, e ainda conta com um fenômeno ainda mais impreciso e melindroso que é a hierarquização dos tipos de arte, como se houvesse expressões artísticas que fossem mais válidas ou importantes do que outras. Isso, sem contar com as dicotomias como arte erudita e arte popular ou altas artes e artes menores, a questão é: os quadrinhos sempre são vistos como uma arte menor, fruto de uma cultura de massa e pouco profundo.

Esse tipo de afirmação pode encontrar justificativas em alguns pontos, como por ser um tipo de arte relativamente jovem (apesar de que o cinema seria mais jovem ainda), uma expressão que não contaria com algum tipo de *finesse*, já que seria oriunda de um modelo de produção industrial e estaria encravada dentro de uma perspectiva de cultura de massas além de sofrer com as comparações imediatas com outras manifestações mais valoradas, como a pintura, literatura e, principalmente, o cinema. Porém, o que deve ser destacado é que a visão das HQs como uma manifestação artística menor se dá principalmente pela falta de estudos e pesquisas para se melhor entender sobre os quadrinhos, suas potencialidades e representações. Assim, muito do preconceito a esse tipo de mídia se dá pelo desconhecimento e aprofundamento sobre ela, como se fosse algo relegado a segundo plano.

E essas considerações nos levam a outro ponto para o descrédito dos quadrinhos: uma produção apenas para crianças. Essa afirmação em si deve ser contextualizada, há grandes obras em outras expressões artísticas, como o cinema e a literatura, que são voltados para o

público infantil e que são de imenso valor, os próprios quadrinhos tem todo um nicho voltado para o público infantil, tal como as HQs da Disney e da Turma da Mônica, por exemplo. A questão não é que a produção para crianças seja algo de menor valor. Essa afirmação, em relação aos quadrinhos, acaba por colocá-los como algo pueril, como se não houvesse outras possibilidades que não temáticas e linguagem infantis, apontando para um sistema fechado em si mesmo. Logo, infantil aqui, significando simplista e de pouca profundidade. Cabe destacar que a produção de quadrinhos conta com grande acervo que não apenas para o público infantil, mas também para jovens e adultos. E adulto aqui não apenas no sentido de uma temática erótica, mas com assuntos mais delicados e que necessitam de uma maturidade maior para a sua compreensão, *Maus*<sup>4</sup>, para ficar em um exemplo bem clichê, representa muito bem esse ponto. E não apenas nos temas, mas também em questões de ordem estética e artística como um todo, a série de quadrinhos *Prisioneiro dos Sonhos*, do francês Marc-Antoine Mathieu, com sua proposta mais experimental com a própria linguagem dos quadrinhos dificilmente poderia ser vista como um produto para crianças. Assim, pode-se concluir que há pouco conhecimento dos quadrinhos pela academia e profissionais críticos de arte, as potencialidades da linguagem quadrinística ainda são pouco conhecidas e estudadas e, conseqüentemente, as HQs são vistas ainda como algo simplista e raso.

Se em seus aspectos artísticos e estruturais os quadrinhos ainda merecem uma maior atenção, enquanto fontes históricas também há um certo preconceito, ou ao menos não há grande uso destas fontes. E é curioso pois os quadrinhos apresentam potencialidades bastante interessantes para a área de História e tantas outras.

Em primeiro lugar, trata-se de um produto de época, que dialoga com o contexto histórico em que foi criada, o que seria o mais elementar das questões em relação a se pensar uma fonte histórica. Mas além disso, há outras possibilidades de estudos e pesquisa, como em seus aspectos artísticos e estilísticos, ou seja, houve uma mudança na forma de se produzir quadrinhos e nos traços característicos de cada produção, o local em que foi produzido também incidiria sobre suas características de arte? E enquanto um produto cultural de massas?

Qual a incidência que os personagens e tipos de quadrinhos teriam na juventude e pessoas de forma geral? Os quadrinhos então teriam um impacto importante em um setor do

---

<sup>4</sup> *Maus*, obra exemplar de Art Spiegelman, conta a história do pai do autor, que foi sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Ganador do prêmio Pulitzer, a HQ tem em personagens antropomorfizados uma de suas grandes características.

mercado cultural que produz muito em filmes, produtos licenciados e uma gama de outras possibilidades mercadológicas. Aliás, o estudo sobre as relações mercadológicas dos quadrinhos é um filão que ainda pode ser bastante explorado.

Os quadrinhos e a política também é um item bastante presente nas produções dessa mídia, desde questões bastante claras, como a capa da HQ Capitão América número 1, em que o protagonista aparece socando Hitler.

Figura 1 - Capitão América 1 (1941)



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao-estrangeira/captain-america-comics-%281941%29-n-1/1865/20846>), acesso em 29/07/2023.

Mas não apenas nesse sentido mais direto, muitos quadrinhos já foram usados como formas de protesto ou mesmo tinham na política seu principal tema, O Pasquim, é um grande exemplo desse tipo de produção, editado durante a ditadura militar brasileira, o jornal incomodou de tal maneira que passou a contar com censura prévia na própria redação do hebdomadário (BRAGA, 1991). Outra publicação muito conhecida por suas produções políticas é o periódico francês Charlie Hebdo, que chegou a sofrer em atentado terrorista em sua redação no ano de 2015 devido a uma charge que tinha o profeta Maomé como um de seus personagens<sup>5</sup>. Em certo sentido, o humor, e neste caso específico, o quadrinho de humor tem uma grande capacidade de resistência a poderes políticos opressores. A linguagem e a narrativa dos quadrinhos favorecem o escárnio e até mesmo um desafio ao poder instituído, já que podem quebrar toda a seriedade e até mesmo a sacralidade que envolve os ritos, agentes e símbolos ligados ao poder.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>

Em outras palavras, os quadrinhos são uma grande expressão cultural que perpassa a política, economia, sociedade e arte de forma geral. Há grandes potencialidades em seus estudos e pesquisas e como também lacunas a serem preenchidas, a academia ainda há que se aprofundar nos quadrinhos enquanto fontes históricas de grande valor.

As observações acima nos levam a pensar os quadrinhos não apenas como um breve alívio o dia a dia, mas como algo questionador, que faz com que pensemos a sociedade, não somente algo anedótico ou fortuito, mas como uma representação artística das agruras, problemas e questões atuais. Entender as histórias em quadrinhos é compreender também, em certa medida, a nossa sociedade. Assim, é fundamental que nós entendamos que existe uma perspectiva pedagógica sobre as histórias em quadrinhos, seja em um escopo histórico, as histórias em quadrinhos como um objeto educacional ou mesmo uma forma de se ler e entender os quadrinhos como um objeto artístico de peculiaridades próprias.

### **Humor e política nos quadrinhos brasileiros: O Pasquim, Chiclete com Banana e Os Malvados de André Dahmer.**

Uma vez estabelecido o valor do humor enquanto componente importante de uma cultura, já que entender do que se ri é aprofundar sobre os traços sociais e políticos de um povo e também os quadrinhos como uma importante fonte histórica, vamos realizar a junção destes dois elementos: os quadrinhos de humor como importantes recursos para se compreender sobre determinados contextos políticos do Brasil.

A escolha destas três fontes (O Pasquim, Chiclete com Banana e Os Malvados) é fruto tanto do seu valor artístico e estético, como também pelo que elas passaram a ser representativas do contexto em que foram publicadas, o que dá a real noção de sua importância.

O Pasquim foi um jornal semanal editado entre os anos de 1969 e 1991, que chegou a ter mais de mil edições na totalidade (para ser mais exato o último número foi o de 1072) e que contava com a crítica a sociedade e a política como seus principais temas. Fruto de vários autores, tais como Tarso de Castro, Henfil, Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes e tantos outros foi um grande sucesso de público, tendo mais de 200 mil cópias impressas em seu auge.

Porém, o que é interessante de notar aqui é como o jornal em questão passou a fazer humor em um período de repressão e autoritarismo na política brasileira, a maior parte de sua existência se deu durante a Ditadura Militar brasileira (1964 – 1985), sendo que foi vítima de



censura, contando com censores em sua redação em um determinado período. Boa parte de seus membros chegou a ser presa<sup>6</sup> e sofreu outros tipos de ameaças que eram comuns naquele período. Assim, o humor foi a arma escolhida pelos seus membros, como uma maneira não apenas de criticar o período ditatorial e as suas crueldades, mas também foi a forma possível de escapar a censura. E aqui reside uma das grandes virtudes do Pasquim, um verdadeiro malabarismo para que se pudesse continuar existindo, expondo as suas ideias e ainda fugindo dos instrumentos de repressão dos militares. A perseguição sofrida atesta um ponto muito importante do humor, aqui em sua representação gráfica, de que o riso pode representar um questionamento a ordem estabelecida. Rir, em si, pode ser visto como zombar, não levar a sério, até mesmo desqualificar. E para os representantes do poder e da ordem, serem considerados como o motivo do riso pode significar mostrar para a sociedade que seriam frágeis ou merecedores de pouco respeito. O mesmo vale para a chamada “moral e bons costumes”, O Pasquim sempre se colocou como um periódico que questionaria os costumes ultrapassados ou mesmo sem sentido da classe média, com isso satirizando a moral que era considerada a ideal para aquele período e lugar. Ziraldo representou bem esse período em uma charge.

Figura 2 – Charge Só dói quando eu rio (Ziraldo)



Fonte: (JAGUAR, 2006, p. 34)

<sup>6</sup> As prisões de 9 dos 11 membros do Pasquim ocorreu entre o fim de outubro e início de novembro de 1970. O mais curioso aqui é que apesar de boa parte dos membros estarem presos o jornal continuou a sair contanto com textos e artigos de famosos da época, tal como Chico Buarque de Holanda entre outros.

Essa arte é representativa bem do período e do que representava fazer humor naquela época, já que rir era uma saída enquanto protesto e também uma forma de se manter mentalmente bem em um momento extremamente violento e conturbado da sociedade brasileira. Há até a discussão sobre se se deve ou não usar o artifício do riso para algo extremamente sério, porém, a questão aqui é que as charges, tirinhas, caricaturas e textos do Pasquim foram fundamentais para se entender como era publicar um jornal que tratava de política, costumes e temas considerados tabus para aquela época.

Já a revista *Chiclete com Banana* foi editada pela primeira vez em 1985, pela Circo Editorial, com um total de 24 números chegando até o ano de 1990. Apesar de contar com outros colaboradores, a *Chiclete com Banana* tinha no cartunista Angeli o seu principal autor e sua capacidade de criar tipos e personagens que eram representativos daquele momento histórico, tais como Rê Bordosa, Bob Cuspe, Meia Oito, Wood e Stock e outros que povoaram essas edições e que continuaram a serem publicados em outras mídias posteriormente.

O humor produzido por Angeli pode ser caracterizado como típico do período de abertura política e processo de redemocratização brasileira pós período ditatorial, justamente pela grande liberdade de temas e possibilidades de abordagens. Tratou-se da volta de grande capacidade de expressão, e, diferentemente do humor do Pasquim, sem a necessidade de se preocupar com a censura ou com que estava sendo publicado. Assim, podemos chamá-lo de humor de abertura.

Uma das características do humor produzido pelo Angeli nesse período foi de retratar tipos que buscavam o seu lugar nessa nova realidade política brasileira, em que não há mais ditadura e a própria esquerda também está reestruturando suas rotas em um contexto diferente. O personagem Meia Oito e seu parceiro Nanico são representantes desse humor, ambos são antigos revolucionários e opositores ao período ditatorial, mas que agora estão passando por uma crise de identidade já que não há mais o grande inimigo a ser combatido. As tirinhas versam sobre situações depressivas e curiosas em que questionam o lugar deles nesse processo de redemocratização, enfim, seriam personagens com dificuldade de se adaptarem as novas estruturas políticas que se construía à época.

Figura 3 – Meia Oito e Nanico (Angeli)



Fonte: MEIA Oito. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13151/meia-oito>. Acesso em: 30 de julho de 2023.

Angeli ainda pode ser visto como intérprete da cidade de São Paulo, os seus tipos e personagens são representantes típicos de grupos presentes na metrópole paulistana como boêmios, ativistas políticos frustrados, punks revoltados e tantos outros. E o interessante, em uma perspectiva comparada, é que O Pasquim se definia como um típico jornal carioca, já Angeli é fruto da cidade de São Paulo e ambos tem um humor que perpassa pela política e costumes com características bem marcantes.

Mas, se por um lado, os personagens e as possibilidades de expressão sem a censura, representam a abertura política, os tipos e humor de Angeli também refletem um certo niilismo da geração que chega ao fim do período militar brasileiro. Já sem tanta ligação com a utopia das décadas de 1960 e 1970, se percebe um olhar para os tipos em desajuste e que já não tem em grandes projetos políticos o seu pilar de sustentação. Como que uma sensação de descrédito e descrença com o novo momento político brasileiro. Assim, apesar de engraçado, tem uma carga mais densa que reflete parte da sociedade da época, em especial os mais jovens. O personagem Bob Cuspe talvez seja o mais representativo desse discurso niilista, como propõe Maria da Conceição Francisca Pires:

Assim, dentro dessa linha de raciocínio, concebo a revista Chiclete com Banana como um espaço criado para reverberar um humor assumidamente melancólico e niilista, que não se identifica com as intenções e/ou utopias revolucionárias da geração anterior de artistas, políticos e intelectuais, e que se torna representativa de grande parte da juventude brasileira que se formou silenciada e sob o impacto do medo promovido pelo terror do estado ditatorial (PIRES, 2017, p. 81).

Já os Malvados de André Dahmer, que foram um conjunto de tirinhas diárias publicadas no site [www.malvados.com.br](http://www.malvados.com.br), na primeiros anos do século XXI representam um

modelo de humor mais ácido e direto, com forte carga de ironia e pessimismo. As tirinhas são basicamente compostas por um ou dois personagens em diálogo ou situações do dia-a-dia que, invariavelmente, criticam o modelo de vida atual. Assim, temas como excesso de trabalho, abuso de álcool e remédios, internet, consumismo e os mais variados tipos de decepções eram expostos diariamente<sup>7</sup>. Assim, a principal característica seria a de um humor de provocação, tanto no sentido de questionar a sociedade atual como a de tocar em assuntos que normalmente são evitados.

Figura 4 – Os Malvados (André Dahmer)



DAHMER, sem data. Disponível em <http://malvados.com.br/> Acesso em: 30 de julho de 2023.

O humor de André Dahmer poderia ser classificado como o humor da descrença, o fazer rir se dá pela própria exposição nua e crua da realidade e temas espinhosos, a crítica é certa e mordaz. O próprio traço, simplista, contribui para esse efeito, em que o foco são as palavras e definições dos personagens. E aí que reside a relação com o século XXI, não há mais a necessidade de se pensar no formato de acordo com censuras ou mesmo as vivências, esperanças e decepções de uma produção em um período de abertura política e redemocratização, o que se vê são idiossincrasias próprias do século XXI, aquela sensação de “como chegamos até aqui e como podemos achar esse resultado normal?” está bastante presente nas tirinhas e na forma que o autor retrata a sociedade como um todo e em específico a brasileira. André Dahmer proporcionaria então, um certo humor da vergonha, pois se ri de uma certa crise existencial que a sociedade estaria passando, das agruras, paradoxos e hipocrisias do século XXI. Ou então, podemos pensar em um humor com um forte carga de interpretação social e política, que cumpriria um papel de “desnudar” alguns dos principais problemas de nossa sociedade.

<sup>7</sup> O autor ainda produz tirinhas diárias como também contribui para jornais impressos. Especificamente Os Malvados que deixaram de serem produzidos, há várias outras series assinadas por André Dahmer.

Assim, são três publicações, cada qual com as suas especificidades que dialogam entre si e com o período em que foram produzidas, com o humor como principal instrumento para a realização desse diálogo.

### **Conclusão: quadrinhos, humor, política e sociedade**

Os estudos sobre humor vem ganhando cada vez mais espaço na academia e o mesmo pode ser dito em relação ao uso de quadrinhos como fontes históricas, em ambos os casos ainda há muito a ser explorado, porém os avanços são inegáveis. E a junção de humor e quadrinhos sempre foi profícua, há inúmeros quadrinhos de humor e no Brasil essa união gerou frutos importantes e que devem ser olhados com maior atenção.

O Pasquim, Chiclete com Banana e Os Malvados são ótimos exemplos de como o humor, através da linguagem dos quadrinhos, dialogam diretamente com o contexto histórico em que foram produzidos e geram uma visão sobre os períodos bastante complexa. Especificamente no uso dessas três fontes há também o dialogo entre elas, um estudo em perspectiva comparada, buscando entender o que é próprio de cada uma, mas também o que permanece e está presente em todas essas publicação. Portanto, a continuidade da presente pesquisa contribuirá para a área de história cultural do humor como também nos estudos de história em quadrinhos.

### **Bibliografia**

ABRÃO, Daniel & GOMES, Nataniel dos Santos. **Quadrinhos: arte contemporânea?** Belo Horizonte: Cadernos Cespuc, 2014, n 25.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 1987.

BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70. Mais pra epa que pra oba.** Brasília: Editora UNB, 1991.

BREMMER, J e ROODENBURG, H. **Uma história cultural do humor.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

CIRNE, Moacy. **Bum!** A explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

EAGLETON, T. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

“Gibi não é literatura”, diz James Akel, que disputa vaga na ABL. Revista Veja. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/gibi-nao-e-literatura-diz-james-akel-que-disputa-vaga-na-abl/>. Acesso 30/07/2023.

GROENSTEEN, T. **História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

GROENSTEEN, T. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

JAGUAR e AUGUSTO, S (orgs). **O Pasquim. Antologia vol 1: 1969 – 1971**. Rio de Janeiro: Deiderata, 2006.

MATHIEU, M. A. **Julius Corentin Acquefacques, prisioneiro dos sonhos: a origem**. São Paulo: Comix Zone, 2022.

MENDES, T (Org). **Humor paulistano: a experiência da circo editorial (1984 – 1995)**. São Paulo: Sesi Editora, 2014.

MINOIS, G. **História do Riso e do escárnio**. São Paulo: Unesp, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá e TOULHOAT, Melanie. **Resistência, adesão e acomodação na América Latina: imprensa e humor em contextos autoritários**. Florianópolis: Tempo e Argumento, v. 14, n.37, 2022.

POSTEMA, B. **Estrutura narrativa dos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Bob Cuspe: resistências microscópicas, contracondutas e a potência do “não” nos quadrinhos underground de Angeli**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 75 - 98. jan./abr. 2017.

SALIBA, E. T. A dimensão cômica da vida privada na República brasileira. In: SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque a Era do Rádio**. São Paulo: Cia de Bolso, 2021.

SPIEGELMAN, A. **Maus**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

VERGUEIRO, Valdomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

---

**Recebido em:** 30 de julho de 2023  
**Aceito em:** 28 de outubro de 2023

---